

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CDM), UM POSSÍVEL ESPAÇO PARA SONHAR¹

Regina Lacorte Giansesi,² São Paulo

reginalacorte@hotmail.com

O tema deste simpósio – as origens científicas e poéticas da SBPSP – estimulou-me inicialmente a fazer um breve e talvez pretensioso sobrevoo de questões que me são caras, como a possível aproximação da psicanálise ao mundo artístico. Para tanto, busquei ajuda de diversos autores que me acompanham ao longo dessa trajetória. Posteriormente, arrisquei encontrar alguns denominadores comuns entre as ideias iniciais de meu escrito e as possíveis vivências que pesquisadores poderão ter no contato com o Centro de Documentação e Memória (CDM). Esse espaço do CDM é um convite para mergulhar em nossa história, para sonhá-la e quem sabe ter uma experiência estética, promovendo o surgimento de novas ideias.

Embora o conhecimento sobre a mente humana não possa ser contido pelas teorias psicanalíticas, a psicanálise e o mundo artístico tentam, cada qual a seu modo, de acordo com suas especificidades, uma possível aproximação àquilo que transcende a capacidade de conhecer. Essa ideia traz à tona a imensidão assustadora de nossa ignorância diante da complexidade e fragilidade de nosso funcionamento psíquico.

É oportuno lembrar Friedrich Schiller quando diz que a verdade habita somente nas profundezas e, quanto mais vamos atrás dela, mais profunda fica. Nunca alcançaremos, portanto, a verdade última de nada.

Donald Meltzer, em seu artigo “Além da consciência”, amplia essas ideias ao afirmar que “há mistérios sobre o funcionamento mental ... onde a mente não consegue penetrar, seja nos espaços pertencentes a ela própria, seja nos de outra pessoa. Este é um conceito que estabelece uma conexão entre a psicanálise, história da arte e o pensamento literário” (1992, p. 404).

Essa conexão ou “reverie artística”, digamos assim, está presente desde Freud, quando a psicanálise passou a se alimentar das formas musicais, literárias e visuais da arte para expansão de suas ideias. Desde a Antiguidade até os dias de hoje os artistas revelam um profundo “saber” sobre a alma humana que se aproxima das teorias psicanalíticas. Tal intercâmbio profícuo

1 Este texto foi apresentado no Segundo Simpósio de celebração dos 70 anos da SBPSP: “Origens Científicas e Poéticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – Passado, Presente e Futuro”, em 10/9/2022.

2 Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e cocoordenadora do Centro de Documentação e Memória da SBPSP.

entre as duas áreas do conhecimento encontra-se em expansão desde as origens da psicanálise.

Hanna Segal, em seu livro *Sonho, fantasia e arte*, escreve que

Freud se interessava em saber de que fontes esse estranho ser, escritor criativo, extrai seu material e como ele consegue produzir em nós tal impressão com o mesmo. Freud admirava-se com a habilidade de o artista imbuir seus personagens de um inconsciente sem que ele próprio se desse conta disso. (1993, p. 94)

Atualmente, vários psicanalistas mostram-se estimulados a dar importância à experiência estética como transformadora do subjetivismo, ao salientarem o impacto sofrido diante de uma obra literária ou artística.

Meg Harris Williams (2018), em *O desenvolvimento estético*, traz uma contribuição de W. R. Bion quando menciona que o artista sincero procura apresentar a verdade de modo tal, como faz Vermeer quando retrata a pequena rua em Delft, que quem de fato olhar para essa pintura do artista holandês nunca mais verá aquela rua da mesma forma novamente. Bion acrescenta que esse indivíduo, ao sair da galeria de arte, será um homem diferente e nomeia essa transformação estrutural “mudança catastrófica”, acrescentando que essa mudança é pela própria natureza uma experiência estética.

Podemos então reconhecer a existência de uma dimensão estética na experiência psicanalítica? Meltzer e Bion reconhecem o modelo estético da psicanálise e acrescentam que, por estar alinhado às ideias artísticas e poéticas da criatividade, esse modelo pressupõe um campo mais amplo e complexo do que os modelos de ciência de vértice único.

Inúmeros foram os gênios da humanidade que tiveram um contato intuitivo com situações emocionais primitivas da mente humana, sendo capazes de transformá-las em obras perenes que nos impactam até hoje. Destaco entre eles Sófocles, dramaturgo grego, um dos maiores tragediógrafos da história.

Freud encontrou na tragédia *Édipo rei*, retratada por Sófocles, algo verdadeiro sobre a natureza humana. Desse encontro ou casamento nasceu a formulação teórica do complexo de Édipo, um dos pilares da psicanálise e que tem servido de estímulo para vários estudos e trabalhos que criativamente a examinam sob ângulos diferentes e ao mesmo tempo complementares, possibilitando novas expansões.

Vários psicanalistas continuam recorrendo às fontes mitológicas e artísticas, rico universo portador de uma multiplicidade de significados. Além de Freud, temos, por exemplo, as valiosas contribuições de Melanie Klein,

Hanna Segal, Donald W. Winnicott, Wilfred Bion, Donald Meltzer e Meg Harris Williams, além de colegas de nossa Sociedade e de outras Sociedades que se debruçam sobre o estudo da possível aproximação entre a psicanálise e o mundo artístico/mitológico, trazendo contribuições inovadoras.

Freud tinha grande interesse por diversas áreas de conhecimento; sua biblioteca em Viena era composta de mais de 2 mil títulos, com obras de origens variadas. Tinha fascinação por objetos de arte antigos, e sua vasta coleção de peças egípcias, gregas e romanas, e de outras civilizações, eram testemunhas silenciosas de sua profunda admiração pela história da humanidade. Dialogou com produções literárias, mitológicas e artísticas, utilizando-as para fundamentação e ilustração de suas ideias. Johann W. von Goethe, Fiódor Dostoiévski, John Milton, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Thomas Mann e Friedrich Schiller, entre outros, foram companheiros de Freud até o fim de sua vida. William Shakespeare, que, segundo a crítica teatral e tradutora Bárbara Heliodora, tivera um caso de amor com a humanidade, serviu-lhe também de importante estímulo para ilustrar e ampliar suas observações sobre a natureza psíquica do homem.

Freud, em “Escritores criativos e devaneio” (1908 [1907]/1969, pp. 149-150), trouxe outra contribuição interessante ao estabelecer uma analogia entre o trabalho criativo do escritor ou do poeta com as brincadeiras das crianças. Nela ele compara as fantasias infantis contidas no brincar com as fantasias presentes nas obras dos escritores. As fantasias, segundo ele, contêm desejos infantis inconscientes reificados no presente, ora no contexto da obra literária, ora no das brincadeiras infantis.

Hanna Segal, por sua vez, afirma que “o brincar tem raízes em comum com o sonho. O brincar, como o sonhar, é um modo de elaborar uma fantasia inconsciente e está sujeito a perturbações semelhantes” (1993, p. 11).

Na esteira dessas ideias, foi curioso encontrar as seguintes palavras proferidas pela famosa cientista polonesa Marie Curie: “um cientista em seu laboratório não é apenas um técnico, é também uma criança colocada à frente de fenômenos naturais que a impressionam, como se fosse um conto de fadas” (Curie, citada em Cruz, 2020, p. 54). Um técnico, portanto, cuja alma vivaz e curiosa de criança pode se encantar ou se apavorar com as descobertas, transitando entre dúvidas, sofrimentos, mistérios e incertezas. Não um técnico distanciado de suas experiências emocionais, um triste “cavaleiro inexistente”, usando como modelo o livro de Italo Calvino.

Penso no consultório psicanalítico como nosso laboratório, onde vivenciamos a complexidade comportada por uma relação a dois. Cruz ressalta

outra contribuição significativa dessa cientista que nos é relevante como psicanalistas e que complementa e amplia a ideia anterior: Curie está entre as pessoas que acham que a ciência tem uma grande beleza.

Bion, ao desenvolver essas ideias, passa a considerar, como o poeta John Keats, que a verdade está intrinsecamente ligada à beleza. Beleza é, então, atributo da verdade e da ciência.

Marisa P. Mélega, psicanalista da SBPSP, traz rica contribuição ao lembrar que

Keats considerou sempre o sentido de beleza como aquele primeiro passo que leva a reconhecer a riqueza de qualquer experiência potencial formativa da mente. No conceito de beleza ele incluía uma variedade de sensações complexas como dor, feiura, cegueira etc. Beleza como a comunhão com a essência, a beleza essencial, aquela que é verdade a ser criada no olho do observador, na sua interioridade. (2014, p. 55)

A beleza, portanto, contempla os sentimentos conflitantes de amor e ódio, encantamento e pavor. Na arte, o que chamamos de feio pode transformar-se em grande beleza, dizia o escultor Auguste Rodin (citado em Segal, 1993, p. 100). Afinal, quando um grande artista se apropria do que é considerado feio – ou seja, tudo o que é informe, insano, o que sugere doença, sofrimento, destruição, o que é contrário à regularidade, sinal de saúde –, é como se, em um passe de mágica, transfigurasse a feiura em beleza.

Sabemos que não se trata de mágica, mas sim de trabalho árduo e por vezes doloroso do artista, que ao expressar peculiaridades humanas produz a transformação. Podemos assim traçar um paralelo do trabalho artístico com o do psicanalista, que, tendo continência e compaixão, aborda os aspectos primitivos e dolorosos do paciente.

Na esteira dessas ideias, Meg Harris Williams traz contribuições interessantes:

Talvez devêssemos considerar que tudo que tem significado é belo. Parece feio quando o significado não é conhecido ... Há uma beleza na autocegueira do Édipo ... A arte portanto não procura embelezar, impor ordem ao caos, mas encontrar ou descobrir a beleza escondida do sujeito. (2018, p. 58)

Retomando o significado das brincadeiras infantis como uma espécie de sonho, uma tentativa de elaboração de fantasias inconscientes, mencionados por Freud, Segal e, de certa forma, ainda que em outro contexto, por Marie Curie, gostaria de realçar que o brincar é uma atividade que envolve encantamento, mistério, terror, liberdade, curiosidade, angústia, criatividade. Um brincar da criança, contido em todos nós. Refiro-me a um estado mental vivo, jovem.

Nos momentos em que nos é possível alcançar o difícil estado de maior liberdade psíquica, desembaraçado das amarras de visões unilaterais, normativas, repletas de regras, desejos de compreensão, e manter um estado mental que nos permita suportar as incertezas, abre-se a possibilidade de abrigar pensamentos ainda não pensados – condição necessária tanto para o psicanalista como para o artista, ambos transitando no campo assustador do desconhecido que habita em nós.

Ao utilizar a intuição psicanaliticamente desenvolvida, o psicanalista pode apreender o não dito, próprio de alguns artistas, e transformá-lo em conhecimento (K) rumo a (O), segundo o referencial teórico de W. Bion.

Assim, podemos aqui traçar um paralelo com a paixão pelo conhecimento que Marie Curie demonstrou na bela analogia do cientista-criança que se encanta e se surpreende com as experiências no laboratório como se estivesse diante de contos de fadas. A criança descrita por Curie – que brinca e sonha, é curiosa, se maravilha ou se apavora ante as novas descobertas – pode vir a ser o psicanalista de amanhã. Um psicanalista que em seu consultório vivencia um encontro científico, onírico, estético e lúdico com o paciente. Trata-se de um complexo trabalho construído a quatro mãos, na medida em que o psicanalista é levado a sonhar o sonho do paciente em um espaço compartilhado no qual transitam dinamicamente os vínculos positivos e negativos (amor, ódio e conhecimento) – utilizando-se aqui o referencial teórico de W. Bion.

Donald Meltzer considera

o processo psicanalítico como um objeto estético por produzir uma concepção inédita do método psicanalítico como forma de arte, no qual duas mentes juntas leem esse objeto estético, e cada uma acrescenta o conhecimento de si mesma. Este espaço psíquico do encontro analítico é criado ou desenhado a cada sessão. (1986, p. 209)

Atualmente podemos pensar sobre a dimensão estética da psicanálise ao considerar como algo central a experiência emocional vivida pela dupla na sessão.

Com base nessas ideias, utilizando-se a música como modelo, podemos imaginar se o encontro entre analista e analisando em um espaço compartilhado possibilitaria o surgimento de sons que poderiam gerar melodias, e indagar que melodias seriam essas. Quais notas ecoariam pela sala de análise? Ou, se considerarmos outro referencial, que pintura surgiria de uma tela em branco?

Bion (1973-1974, p. 96) aponta o fato de que os vértices científico, artístico e religioso da psicanálise se interligam; acrescenta ainda que deve haver um equilíbrio ótimo entre eles. Além disso, o vértice científico precisa ser nutrido pelo vértice artístico para tornar-se uma experiência real.

Encontrei um paralelo com essas ideias em uma entrevista da psicanalista Judith Andreucci: “psicanálise é muita ciência e muita arte, e o cientista-artista precisa de material para sua criação e realização” (Lima, Pedreira & Sandler, 2013). Muita ciência e muita arte implicam árduo trabalho, dedicação e análise pessoal.

A interlocução entre arte e ciência se faz presente também na obra de Jorge Luis Borges, poeta e escritor que revela pensamentos aproximando-se de algumas ideias valorizadas pela psicanálise, como pensamentos sem pensador, experiência estética, apreço pelo desconhecido.

quando escrevo algo, tenho a sensação de que este algo preexiste ... não tenho a sensação de que elas dependem do meu arbítrio, as coisas são assim. São assim, mas estão escondidas, e meu dever de poeta é encontrá-las. Acredito que a poesia é algo que se sente, e, se vocês não sentem a poesia, se não têm um sentimento de beleza, se uma história não os leva ao desejo de saber o que aconteceu depois, o autor não escreveu para vocês ... A poesia não é alheia, a poesia como veremos está logo ali, à espreita. Pode saltar sobre nós a qualquer momento. (2000, p. 288)

Borges discorre também sobre a importância de mantermos nossa curiosidade ativa diante de algo ao qual damos sentido (desejo de saber mais), o que é um sinal de vitalidade. O poeta traz à tona, dessa forma, o diálogo entre o trabalho do artista e seu observador.

No impacto que sofremos diante de determinada obra artística, literária ou musical, carregamos toda nossa subjetividade; somos arrebatados por toda sorte de emoções que escapa ao nosso controle e entendimento. Há um instante de surpresa, mistério e angústia, como se a obra artística nos interpelasse.

Aquisição cultural também envolve muito empenho para ser conquistada e poderá estar a serviço de maior expansão psíquica. A psicanalista, escritora e poeta Maria Alzira Perestrelo, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio

de Janeiro, disse: “Erudito é aquele que lê e sabe repetir exatamente o que foi escrito. Culto é aquele que sofre transformações com a leitura”.

Não se trata, portanto, de um acúmulo de conhecimentos que baste a si próprio, mas sim de uma cultura a serviço de reflexões profundas e espírito crítico, que germine pensamentos possibilitando o surgimento de novas ideias, levando o indivíduo a perceber e apreciar os diferentes vértices de observações dos fatos externos e internos. Complexa operação de transformar estímulos sensorialmente apreensíveis em elementos favoráveis a pensar e sonhar. Ao se ocupar com as questões relacionadas à capacidade do pensar, Bion desenvolve a noção de função alfa, que, quando exitosa, transforma estímulos sensorialmente apreensíveis em elementos alfa, disponíveis para pensar e sonhar.

Shakespeare afirmou que somos feitos da mesma matéria de que são feitos os nossos sonhos. Sonhamos durante o dia e durante a noite, como disseram vários psicanalistas, desenvolvendo as ideias de Freud. Meg Harris Williams escreveu: “A mente é moldada pelos sonhos igualmente na arte e na psicanálise, mesmo que uma obra de arte persiga o processo de sonhar até um nível maior de abstração e comunicabilidade” (2018, p. 230).

Ao longo desta exposição inicial, vali-me de diversos autores para tecer breves considerações sobre termos como “pensamento”, “experiência estética”, “sonho”, “encantamento”, “brincadeira”, “ousadia”, “curiosidade”, “desconhecido”, “beleza”, “verdade” e “turbulência emocional”, entre outros, como possíveis facilitadores de uma “robustez psíquica”.

Agora tentarei encontrar algumas aproximações entre as ideias expostas e as possíveis vivências dos pesquisadores no contato com o acervo do CDM-SBPSP.

Toda cultura tem necessidade de registrar sua história, uma vez que ela circunscreve sua existência, dando-lhe um sentido.

A ideia de criar um centro de preservação de nossa história ganhou força por ocasião de duas exposições ocorridas em outubro de 2000, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Foram mostras paralelas e complementares: a primeira, “Freud, Conflito e Cultura”, organizada pela Biblioteca do Congresso Americano (Washington, DC), detentora de um acervo enorme sobre a vida e a obra de Freud e que recebeu apoio da SBPSP; e a mostra “Brasil: Psicanálise e Modernismo”, que demandou ampla investigação sobre a entrada no Brasil das primeiras ideias psicanalíticas e cuja curadoria recebeu o valioso apoio de um grupo de colegas de nossa instituição. O sucesso de público e de crítica serviu para confirmar o que nossa Sociedade já delineava: a necessidade de um espaço que guardasse a documentação histórica inserida na própria história da SBPSP.

Tal espaço foi inaugurado em 22 de outubro de 2004. O acervo do CDM consiste em um patrimônio documental valioso, composto de livros, artigos, revistas, jornais, cartas, fotografias, entrevistas e vídeos, além de objetos pessoais de muitos psicanalistas que fizeram e fazem parte da nossa história.

A proposta é cuidar de um acervo que possa ser dinâmico, que se preste às pesquisas e aos estudos a fim de constituir, mais do que um tributo ao passado, um importante espaço de reflexão no presente e um instrumento de preparação para o futuro.

O contato com nossas origens permite-nos apreciar as diferenças entre as gerações de psicanalistas que se sucederam ao longo do tempo e investigar a época histórica em que viveram, possibilitando um cotejamento ou uma interlocução entre passado e presente. Também nos permite dar conta de que a história individual está necessariamente inserida na história de toda a coletividade, ou seja, ao mesmo tempo que somos fruto de nossa época, carregamos conosco uma herança longeva.

Pois não basta somente ler um artigo científico ou um poema, é preciso deixar que ele nos questione, nos inquiete, nos surpreenda ou nos perturbe. Que acirre nossa curiosidade em querer saber mais (como escreveu o poeta Jorge Luis Borges), servindo assim de estímulo para pesquisas e estudos e possibilitando o surgimento de novos estudos que promovam o desenvolvimento da psicanálise.

É importante ler os textos científicos com envolvimento emocional, como se estivéssemos dentro das páginas de um livro de história, para que assim, sonhando, possamos, mesmo no presente, ser transportados às origens desses textos, trazendo-os de volta revitalizados, prenes de novos pensamentos. Poder “brincar” com os documentos, de modo livre e criativo.

Nas pesquisas sobre os pioneiros da SBPSP, a saber, Durval Marcondes, Adelheid Koch, Frank Phillips, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchôa, Virginia Bicudo, Theon Spanudis e posteriormente Judith Andreucci e Lygia Amaral, entre outros, é possível constatar a presença do amor pela psicanálise e do cuidado com a formação do psicanalista, que envolvia supervisões, formação teórica sólida e valorização da análise pessoal. Notamos também o empenho na divulgação das ideias psicanalíticas de modo que se assegurem seus princípios científicos, bem como o grande apreço pela aquisição cultural e artística do psicanalista e dos então chamados “candidatos”. Essa valorização da música, da poesia, da mitologia, dos textos literários, das pinturas e artes em geral marcou presença em depoimentos, artigos e livros, chancelando a necessidade de aproximação dos psicanalistas com o mundo das artes.

Vários psicanalistas na nossa Sociedade empenharam-se na tarefa de salvaguardar a jovem ciência. Gostaria de destacar, entre eles, Virginia Leone Bicudo, Adelheid Koch e Durval Marcondes.

Virginia, figura emblemática de nossa instituição, socióloga e psicanalista, teve o mérito e o privilégio de compor o grupo embrionário de nossa Sociedade, então chamada Grupo Psicanalítico de São Paulo, formado em torno do médico e psicanalista Durval Marcondes e inicialmente dedicado ao estudo e à divulgação da psicanálise.

O interesse de Virginia Bicudo por questões sociais ganhou corpo quando ela ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, então ligada à Universidade de São Paulo (USP), sendo a única mulher de sua turma. Ao se formar, em 1945, sua pesquisa *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* foi a primeira dissertação de mestrado sobre questões raciais no Brasil.

Pode-se dizer que a produção científica inicial de Virginia resultou de um casamento entre sociologia, antropologia e psicologia social. Na comovente entrevista que deu a colegas da SBPSP em 1989, conta que seu interesse pela psicanálise foi despertado no dia em que, no curso de Sociologia, deparou com um artigo de Freud sobre o processo de sublimação. Diz ela: “Percebi que o problema que esteve me causando sofrimento era de dentro para fora, e não de fora para dentro, não é sociologia que tenho que fazer, e sim psicanálise”.

A partir dessa profunda percepção, a trajetória pessoal e profissional de Virginia foi marcada por uma busca incansável pela aceitação e divulgação das ideias psicanalíticas.

Pode-se dizer que Virginia atuou em duas frentes marcantes: contra o preconceito racial e a favor da divulgação e consolidação da psicanálise no Brasil. Dotada de notável capacidade de comunicação, em 1950 foi importante protagonista na criação de um espaço para tornar as ideias psicanalíticas acessíveis aos leigos e assim ganhar visibilidade social e científica, na tentativa de fazer frente à grande e por vezes violenta oposição que a psicanálise sofria na época, especialmente por parte de alguns psiquiatras.

Em 1950, Virginia marcou presença nos meios de comunicação de massa. Seu programa *Nosso mundo mental*, na Rádio Excelsior, foi sucesso de público e recebeu o apoio precioso de José Nabantino Ramos, que na época era dono dessa Rádio e diretor proprietário do jornal *Folha da Manhã*.

É curioso e ao mesmo tempo criativo o fato de Virginia ter se valido de um meio artístico, digamos assim, para divulgação das ideias psicanalíticas, uma vez que seus textos eram dramatizados pelos artistas sob a forma de radioteatro.

Em 1951, suas produções passaram a ser publicadas pelo jornal *Folha da Manhã* e chegavam a ocupar uma página inteira com a chamada “É possível divulgar a ciência pelo rádio”. Em 1955, a psicanalista reuniu os textos do jornal no livro *Nosso mundo mental*.

Nessa época, iniciou alguns cursos na Sociedade Britânica de Psicanálise e na Tavistock, tendo a oportunidade de manter contato com Melanie Klein, Betty Joseph, Ernest Jones, Frank Phillips (seu analista), Paula Heimann, Rosenfeld (seu supervisor) e Donald Woods Winnicott.

De volta ao Brasil, nos anos 1960, introduziu o curso sobre Melanie Klein no Instituto de Psicanálise de São Paulo, do qual foi diretora entre 1961 e 1974. Além disso, promoveu com o psicanalista Frank Phillips a vinda de Bion para dar seminários em Brasília e São Paulo. Em 1966, criou o *Jornal de Psicanálise*, feito no início de forma artesanal. E no ano seguinte, com outros colegas, colaborou para o relançamento da *Revista Brasileira de Psicanálise*, atuando como diretora editorial entre 1967 e 1970, quando tomou a frente da criação da Sociedade de Psicanálise de Brasília, em que foi professora, supervisora e analista.

Na mesma entrevista de 1989, Virginia relata as agruras que passou com suas colegas Judith Andreucci e Lygia Amaral durante o Congresso Latino-Americano de Saúde Mental. Alguns psiquiatras só aceitavam que médicos praticassem psicoterapia. O clima de hostilidade chegou a tal ponto, que elas foram acusadas de charlatãs, havendo uma denúncia-crime junto ao Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional da Medicina. O psicanalista Isaías Melsohn foi um dos encarregados de preparar a defesa.

Não poderíamos deixar de lembrar Adelheid Koch, médica e psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Berlim e figura fundamental para a constituição de nossa Sociedade, que em 1951, no Congresso de Amsterdam, recebeu por parte da International Psychoanalytical Association (IPA) o reconhecimento oficial e definitivo. Em 1936 Koch saiu da Alemanha com sua família e chegou a São Paulo, escapando das garras do nazismo. Não deve ter sido fácil para a família adaptar-se aos nossos costumes e aprender uma nova língua. Já no ano seguinte ela acumulava as funções de analista, supervisora e professora. Em depoimentos, falou sobre a importância de conhecimentos culturais, artísticos e literários para que o psicanalista desenvolvesse sua sensibilidade e ajudasse os pacientes.

Pesquisando o livro *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*, encontrei um depoimento importante e atual de Adelheid Koch, datado dos anos 1950, acerca de uma discussão no Teatro Municipal a respeito da peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues. Koch, uma das convidadas, ao ser inquirida por alguém da plateia, relativiza os excessos da crítica psicológica à arte: “os temas da obra de arte advêm do interior da vida mental de seu autor, e não das descobertas da psicanálise. A psicanálise pode usar a obra de arte para melhor compreender a mente” (Nosek, 1994, p. 45).

O psicanalista Durval Marcondes foi, por sua vez, também de fundamental importância para a gênese de nossa instituição. Sua iniciativa de trazer para o Brasil a psicanalista Adelheid Koch foi determinante para que, em 1951, a SBPSP recebesse o reconhecimento da IPA. Durval trabalhou sempre no sentido de abrir caminhos para o reconhecimento e a ampliação da psicanálise em nosso meio. Dedicou-se incansavelmente a organizar a formação de psicanalistas e dar-lhe uma estrutura institucional, assim como difundir as ideias psicanalíticas introduzindo a psicanálise na Escola Livre de Sociologia e Política e no Serviço de Higiene Mental Escolar, em que trabalhou ao lado de Virginia Bicudo.

Marcondes, assim como Adelheid Koch, pensava que um psicanalista não poderia prescindir de uma imersão cultural e tinha uma das mais importantes bibliotecas do país em sua época.

Conviveu com o grupo de modernistas relacionados à Semana de Arte Moderna de 1922, chegando a publicar no número de agosto da revista *Klaxon* o poema “Sinfonia em branco e preto”. Essa revista foi o primeiro veículo dedicado à propagação das ideias lançadas pelos modernistas paulistas de 1922. Em 1926, Marcondes prestou concurso para a cadeira de Literatura no Ginásio do Estado, apresentando a tese *O simbolismo estético na literatura: ensaio de orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise*. Enviou a Freud um exemplar, que foi muito bem recebido.

O grupo inicial da formação de nossa Sociedade foi marcado por ousadia, coragem e amor à jovem ciência. Não sucumbiu diante de tantas dificuldades e, munido de esperança e determinação, foi se organizando e improvisando um modo de existir possível naquele momento. Adotou os instrumentos disponíveis na época para atingir o objetivo de consolidar a psicanálise no Brasil. A esse grupo, nossa gratidão.

Referências

- Bicudo, V. (1989). Entrevista gravada em 29 de setembro. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations* (F. Bion, Ed.). Karnac.
- Bion, W. R. (1973-1974). *Brazilian lectures* (Vols. 1-2). Imago.
- Borges, J. L. (2000). *Obras completas*. Globo.
- Cruz, Ó. R. (2020). *Marie Curie: biografia breve*. Idbcom LLC.
- Freud, S. (1969). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad. para o inglês, Vol. 9). Imago. (Trabalho original publicado em 1908 [1907])
- Lima, A. A.; Pedreira, H. & Sandler, P. C. (2013). Entrevista com a professora Judith Seixas Teixeira Carvalho Andreucci. *Jornal de Psicanálise*, 46(84), 193-204.
- Mélega, M. P. (2014). *Imagens oníricas e formas poéticas: um estudo da criatividade*. Pasavento.
- Meltzer, D. (1986). *Studies in extended metapsychology: clinical applications of Bion's ideas*. Clunie Press.
- Meltzer, D. (1992). Além da consciência. *Revista Brasileira de psicanálise*, 26(3), 397-408.
- Moretzsohn, M. Â. (2010). Uma história brasileira: centenário de nascimento de Virginia Bicudo. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 209-229.
- Nosek, L. (Ed.) (1994). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. Casa do Psicólogo.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Imago.
- Williams, M. H. (2018). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise. Ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. Blucher.